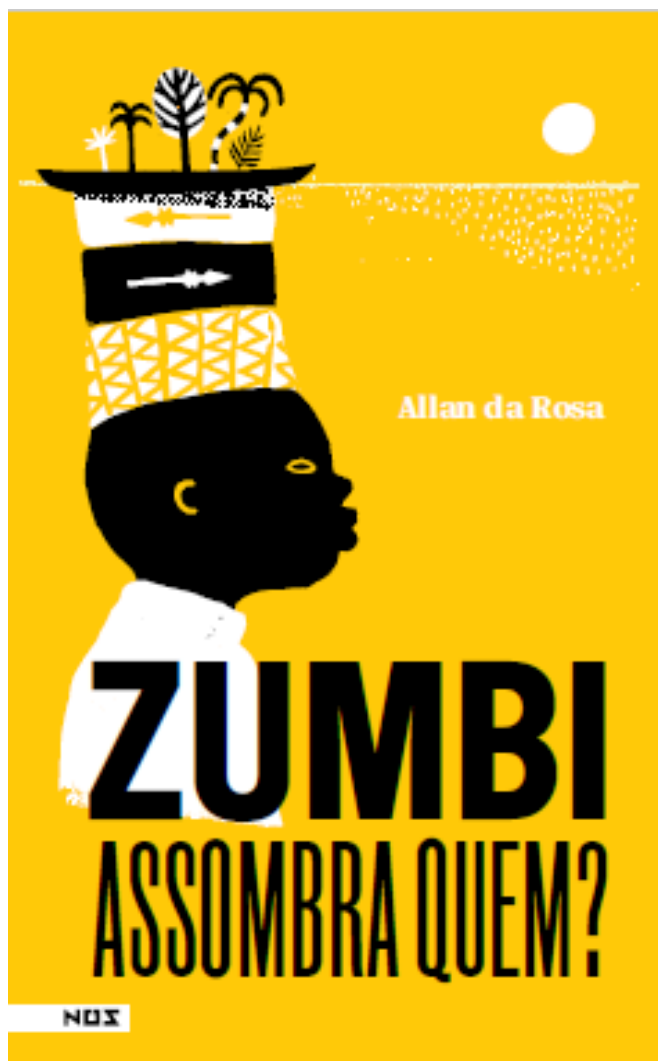


Os fios da história e os modos de tecer: a cultura afro-brasileira na obra *Zumbi assombra quem?*, de Allan da Rosa

Gustavo Tanus*

Pedro Henrique Silva**



O livro *Zumbi assombra quem?*, lançado em 2017, é a nona obra do escritor Allan da Rosa. Este pode ser direcionado aos públicos infantil, juvenil e mesmo adulto, no caso dos últimos o texto oferece uma possibilidade de trabalho nas diversas¹ classes da EJA e, por meio da mediação leitora, pode encorpar na contação de história.

Antecipação da guia da narrativa, a dedicatória abre-se, primeiro, para a criança, Daruê Zuhri, filho de Allan da Rosa que o autor concebe como quem o ensina a leitura daquilo que é importante que não se esqueça, e, segundo, para o local de onde se vem, que indica o passo desde onde se caminha e para onde sempre se deve voltar: a fim de que jamais se esqueça origem, e para levar notícias do caminhar, contando sobre os piques abertos por meio de reflexão e luta. Destarte, percebe-se a demarcação do território, ponto fundamental na construção da identidade do escritor negro-periférico, de modo a marcar de onde se fala, o pertencimento a um

lugar-origem-ancestralidade “[...] Se a história é nossa deixa que #nóisescreve” (INQUÉRITO, 2013, p. 16).

De maneira geral, o livro trata das procuras, investigações, a fim de perceber as elucidações da/sobre a cultura – o que as instituições e institutos consolidam, estes como verdades inquestionáveis, aquelas como aparelhos ideológicos de propagação da cultura dominante –, e trata, o livro, das descobertas, dos encontros, em construção do “enegrecimento” das histórias, dos conhecimentos, ou como apontou Renato Noguera (2012), num processo de “denegrir”, no sentido de tornar-se negro pela tomada de consciência de si e do mundo.

Há a descoberta das oficialidades da história e suas contradições, todas ensinadas, diga-se de passagem, na escola, por meio da violência como resultado da relação

¹ A EJA reúne diversos sujeitos e contextos que, em geral, vão ter como semelhante o estigma da exclusão. Dentre esses sujeitos estão: quilombolas, indígenas, população do campo, pessoas em situação de privação de liberdade, jovens, adultos, idosos, negras e negros, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua.

desigual de poder, possibilitada pelo silêncio dessa instituição frente às culturas negras, que estão fora de sua lente de valoração, mesmo após a criação de Leis como a 10.639/03 e 11.645/09. Nesse ambiente, há, portanto, dois lugares, um que traz os quebra-cabeças da cultura oficial – de adivinhação pré-definida, estruturação já montada – e outro de convalidação da imagem única desse jogo, consolidada por uma simulação de montar que tal “brincadeira” na escola permite. E esse lúdico não é o responsável pelo reforço das ditas verdades oficiais?

É interessante no livro que cultura não é tratada como uma abstração, mas como forças capazes de elaborar uma consciência sobre as relações entre os seres – a tessitura de suas histórias, os fios e o fiar, a palavra e o mundo, os entrelaces e os arremates – e a natureza, com quem se divide a existência, de maneira a moldar o reconhecimento dessa cultura resultando numa tomada de consciência de si e do outro. Para atar essas pontas, há a figura do *Nganga*, o mais velho, aquele que é guardião do saber, na pele (e cabeça) do Tio Prabin, que vai narrando sobre Zumbi, desconstruindo o que Candê pensa ser a verdade dos fatos porque aprendera na escola, construindo, não pelo artifício do contraste negativo, mas pela positividade da narração, em que “costurava a lembrança e ensinava sorrindo” (p. 8).

Zumbi era “linha de frente”, era “um dos reis e um dos que traziam alimento para casa”.

Se Zâmbi reina azul no céu, Zumbi vinha nas uvas e na sombra. O rei do chão, das raízes, das lavas e das minas, das cascas e penas quebradiças dos animais depois que eles atravessavam sua ponte com a morte. Rei das artérias do chão, das sementes brotando e das minhocas que desenham os caminhos e labirintos das terras, abrindo ares.

– Minhocas?

– Sim. E com elas aprendeu. Por isso, os bandeirantes nunca sabiam de verdade onde estava a sua cabeça. Mas se Zumbi considerava que tudo era criação de Zâmbi, até ele mesmo, as cavernas das funduras do mar e as gargalhadas sem beijo das caveiras dos bichos na terra, ele também tinha aprendido que a grandeza do céu era só uma unha de Zâmbi, desde o mofo na penumbra dos porões até o roxo das beterrabas e o tempo das cicatrizes. (ROSA, 2017, p. 36).

Durante a narração sobre o quilombo, o menino Candê ia no encaixo da história, partilhando a aventura junto do contador. Traço que nos deixa evidente um caminho outro para a transmissão do conhecimento, não mais aquele estático, avesso ao sensível (ainda tão comum nas escolas), mas uma pedagogia própria do saber negro, que no braço bantu tem na figura do *Nganga* aquele que carrega o saber e ensina-o, aos mais novos, num processo ativo.

O tio dizia do quilombo entocado nas serras, dos esconderijos que mudavam de lugar e Candê sentia o cheiro das trilhas, o estreito das cavernas subterrâneas, os ares da subida pra serra, o maciço dos muros de árvore e a caída das valas. (ROSA, 2017, p. 8).

Esse *Nganga*, cerzidor, no tempo presente, dos fios do passado ancestral e do que virá (em devir), diz respeito, portanto, mais como o modo como é possível relacionar – por meio da palavra falada – o tempo e o espaço do que elementos dispostos sob a ideia de um conceito.

Conforme Henrique Cunha Jr. (2010) os valores da ancestralidade, da identidade territorial, da transmissão dos conhecimentos pelas palavras falada pelos seres

humanos e tambores são formas filosóficas, isto é, modos de reflexão sobre a natureza, e de aprendizado sobre a realidade. Esta palavra falada, que possui o poder de transformação, constrói o mundo, transformando o ser inanimado em potencial humano, são, juntamente com o meio ambiente, a comunidade, os lugares, partes do ancestral.

Não é, pois, apenas um estratagema, em que suas etapas são apenas partes necessárias, ultra-passadas com vistas a um conhecimento final, mas, sobretudo, uma finta na lente entre ver perto, ali mesmo, lutando junto, observando pegadas dos invasores bandeirantes, e ver de longe, num foco de observar o horizonte para ler de onde virão esses invasores e suas instituições, com suas pedagogias do apagamento/aniquilamento do outro.

No fim, a movimentação se dá mesmo no passo de re-conhecimento do outro, seja para os renitentes homens-placa da história oficial, pela possibilidade de que possam re-ler (numa experiência de in-formar-se) tais informações que cegamente propagam, e, com isso, tenham chance de adentrar no projeto de comunidade baseado no reconhecimento da diversidade na diversidade. Outro movimento da tessitura literária, o mais importante, é a construção – poética – de conhecimento sobre si, sobre a história de Zumbi, do quilombo, dos modos de resistir, que são modos de existir frente às estratégias de apagamento/desconsideração da cultura negra. Tal des-costura é percebida na cena em que Tio Prabin mostra ao menino Candê como desvencilhar das cerzaduras esclarecidas da cultura dominante, demonstrando, no mesmo momento, a força que a união de fios contém.

– Zumbi era linha de frente de Palmares. O quilombo tinha a felicidade guerreira da liberdade, da pele lambida pelas estrelas, mas vivia na febre. A tensão da invasão dos bandeirantes. Os quilombolas sabiam que ocupavam o que esteve à sua espera: a terra, a serra habitada pelas forças grandes e miudinhas que aguardavam quem se desembaraçasse das correntes e chegasse para conviver com ela.

Prabin amarra os pulsos com muita linha de costura e mostra que com um puxão não se arregaça essas algemas de fio, mas com calma e inteligência vai se desvencilhando pouco a pouco da prisão. Com os braços marcados e soltos ele continua. (ROSA, 2017, p. 10).

Logo, na ação, no fazer Prabin ensina a Candê que, muitas vezes, as lutas negras se dão na paciência, calma e inteligência, não que sejamos pacíficos ou passivos (como a história oficial insiste em dizer em seu registro), mas por que as nossas lutas acontecem não só no campo, mas também com as armas do adversário. Daí a astúcia de, como no jogo da capoeira, recuar, avaliar o oponente para depois atacar, ou no caso dos Quilombos saber se esconder e se mostrar quando necessário. Em outro diálogo vemos o exemplo desse processo de re-conhecimento no qual a palavra Zumbi aparece re-significada a partir de uma tomada da consciência de si:

– E achavam que ele era um zumbi de apavorar?
– Ele era. Zumbindo pra afastar os pernalongos que chupavam seu sangue e embolotavam feridas na sua pele. Zumbindo como um marimbondo pra cambada de muriçocas que lhe picavam sem piedade.
– Tio, então Zumbi assombra quem? (ROSA, 2017, p. 36).

Por fim, em *Zumbi assombra quem?*, Allan da Rosa evidencia o processo de re-construção das identidades pelas experiências efetivas de vida, entrelaçadas tanto

com as experiências obtidas por meio da leitura do mundo, quanto pelas escutadas pelo Nganga. A questão não passa pela apropriação dos modos de narrar/cantar o mundo, haja vista que são qualidades próprias da cultura afro-brasileira, mas os ensinamentos sobre modo como o tecido oficial deve ser desfeito, num processo de tessitura que desconstrói: o entramado de fios de uma história que oblitera a cultura negra, e as tramas que a desfiguram.

Há, portanto, nesse volume, a possibilidade de (re)conhecimento do outro – que somos – e do mundo pela experiência da literatura. (Re)conhecimento este que se dá na/pela (des)construção do mundo que nos colocava, antes, numa posição subalternizada, desvalorizando nossos saberes.

Natal, RN/Vespasiano, MG.

24 de julho de 2018.

Referências

CUNHA JR., Henrique. Ntu. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 108, p. 81-92, maio 2010.

INQUÉRITO, Renan. *#Poucas palavras*. 4. Reimp. São Paulo: Edição de Toni C., 2013.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Resafe*, Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, n. 18, p. 62-73, maio/out. 2012.

ROSA, Allan da. *Zumbi assombra quem?* Ilustrações de Edson Ikê. São Paulo: Nós, 2017.

* Gustavo Tanus é doutorando em Estudos da Linguagem pela UFRN, mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG e pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, NEIA/UFMG.

** Pedro Henrique Silva é mestrando pela Faculdade de Educação da UFMG, é licenciado em Letras pela mesma universidade, professor atuante no sistema penal mineiro e pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, NEIA/UFMG.